



AUSÊNCIA-PRESENÇA: Instalações *Feijão com Arroz* e *Monumento à Fome* de Anna Maria Maiolino¹

"ABSENCE-PRESENCE: Installations '*Feijão com Arroz*' and '*Monument to Hunger*' by Anna Maria Maiolino"

Mikaely Rocha e Silva²
Universidade Federal de Pernambuco
Sabrina Fernandes Melo³
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O texto discute duas obras da artista Ítalo-Brasileira Anna Maria Maiolino: *Monumento à Fome* (1978) e *Feijão com Arroz* (1979), a primeira realizada em São Paulo na performance *Mitos Vadios*, a segunda exposta no Rio de Janeiro e posteriormente no Núcleo de Arte Contemporânea em João Pessoa. O trabalho estabelece a princípio um diálogo entre as obras, na intenção de refletir acerca de alguns aspectos da temática da fome e do ambiente doméstico como parte das relações de poder do ocidente. A partir desse entendimento, o presente artigo pretende construir cartograficamente relações entre outros atores e artistas que perpassam sob as temáticas elencadas.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Instalação; Anna Maria Maiolino; *Arroz & Feijão*;

ABSTRACT

The text discusses two works by the Italo-Brazilian artist Anna Maria Maiolino: "*Monumento à Fome*" (1978) and "*Arroz e Feijão*" (1979), the former performed in São Paulo in the "*Mitos Vadios*" performance, the latter exhibited in Rio de Janeiro and later at the Núcleo de Arte Contemporânea in João Pessoa. The work initially establishes a dialogue between the pieces, intending to reflect on certain aspects of the theme of hunger and the domestic environment as part of the power relations of the West. Building on this understanding, the present article aims to cartographically construct relationships among other actors and artists that intersect with the enumerated themes.

KEYWORDS

Installation Art; Anna Maria Maiolino; *Arroz & Feijão*

¹ Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em Artes Visuais pela UFPE

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco. Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6165137875519677>

³ Professora no Departamento de Artes Visuais da UFPB e no PPGAV/UFPB/UFPE. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina .E-mail: sabrina.melo@academico.ufpb.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/14952224441493>







Introdução

Ao redor de grossas paredes de alvenaria e sob um pé direito alto, azulejos do chão, outrora pretos e agora desbotados em tons de marrom, sugerem um grande tabuleiro de xadrez. No centro da sala, uma mesa dominava o espaço, enquanto duas mesas menores ocupavam os cantos, sendo a mesa central coberta por um tecido preto, enquanto as outras estavam envoltas por um tecido branco.

A mesa central estava posta, pronta para uma incomum não-refeição, com louças e talheres dispostos. Seis pratos estavam inteiramente tomados por uma terra fértil onde arroz e feijão germinavam. Apesar da promessa de uma refeição, o tempo decorrido desde o plantio de sementes tornava a experiência um tanto desconfortável. Não havia cadeiras ao redor da mesa central, ao contrário das mesas laterais, cada uma cercada por quatro assentos, prontos para acolher aqueles dignos de compartilhar daquela refeição.



Imagem 1. Fotografia de Instalação/Performance de Anna Maria Maiolino, 1980 – *Feijão com Arroz*, realizado no NAC. Fonte: ACERVO NAC. Fotografia: Thais

A descrição retrata a instalação “Feijão com Arroz”, da artista visual Anna Maria Maiolino, realizada entre abril e maio de 1980 no Núcleo de Arte Contemporânea em João Pessoa, Paraíba. Anna Maria Maiolino (1942) é uma artista visual ítalo-brasileira, nascida na comuna italiana, Scalea, onde viveu por 12 anos. Posteriormente, ela e sua família se mudaram para a Venezuela, onde Anna cursou Arte Pura na Escola Nacional Cristobal Rojas, em Caracas. Em 1960, aos 18 anos, Maiolino estabeleceu-se no Brasil e começou a frequentar cursos livres de xilogravura e pintura na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.



Em 1979, a artista realizou pela primeira vez sua exposição "Arroz & Feijão" na Galeria Aliança Francesa, no Rio de Janeiro, exibindo a instalação "Feijão com Arroz" mencionada anteriormente. No ano seguinte, Maiolino levou a exposição para a cidade de João Pessoa, no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC).

O NAC é um equipamento cultural vinculado à Universidade Federal da Paraíba, inaugurado em 1978 na gestão do reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque. O projeto do núcleo foi feito pelo artista visual Antônio Dias e pelo crítico de arte Paulo Sérgio Duarte, com contribuição de Raul Córdula Filho, Silvino Espínola e Francisco Pereira para sua execução e gestão.



Imagem 2. Fotografia de Instalação/Performance de Anna Maria Maiolino, 1980
– *Feijão com Arroz*, realizado no NAC. Fonte: ACERVO NAC. Fotografia: Thaís

Ciente disto, esta pesquisa se constrói a partir da intenção de estabelecer um “mapa” baseado em fios condutores presentes na produção de Maiolino, o Vazio e a Presença, que surge não apenas nestas duas instalações, mas em outras obras da artista. A ideia de mapa que aqui se constitui se refere ao método cartográfico referente aos escritos dos filósofos Deleuze e Guattari, mais especificamente em Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia (1995), sendo para eles a cartografia um conceito-chave utilizado para descrever processos de pensamento e de



conhecimento, uma maneira de mapear ideias, conceitos e experiências, ao invés de territórios físicos.

Como crítica aos modelos tradicionais de conhecimento, Deleuze e Guattari distinguem entre "mapas" e "calques". Enquanto os calques são representações fixas e estáticas que reproduzem estruturas existentes, os mapas são abertos, adaptáveis e múltiplos, refletindo processos de devir e transformação.

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22).

Desta maneira, estabeleço as primeiras linhas deste mapa em expansão ao identificar obras que dialogam de modo similar com as instalações de Maiolino a partir do Vazio e da Presença.

Fantasma da fome

A instalação "Feijão com Arroz", Anna Maria Maiolino aborda de maneira evidente as questões da fome, falta e abundância. A fome, em sua essência, carrega uma dualidade para nós, seres humanos. Ela é o vazio diante da abundância, não apenas de alimentos, como à primeira vista sugere Maiolino, mas também de conhecimento, de tecnologia em seu sentido primordial e de outros desejos coletivos. Na instalação, Maiolino percebe essa dualidade que a temática evoca. A presença de talheres, pratos, mesas e outros elementos é resultado do processo "civilizador" da sociedade, fruto da racionalidade tão valorizada por algumas sociedades, principalmente ocidentais. No entanto, esses artefatos são confrontados com a impossibilidade de se alimentar dos grãos ali presentes, aguardando seu enterro sob uma toalha preta. Sem raízes, esses grãos se tornam meras vítimas do tempo, revelando como nosso avanço tecnológico muitas vezes é incapaz de preservar os processos naturais essenciais para a vida. processo natural do alimento faleça diante de nossa tecnologia. Como discorre o médico e sociólogo Josué de Castro (1964,p.20) em *Geografia da Fome*:



O fenômeno da fome, tanto a fome de alimentos como a fome sexual, é um instinto primário e por isso um tanto chocante para uma cultura racionalista como a nossa, que procura por todos os meios impor o predomínio da razão sobre o dos instintos na conduta humana. Considerando o instinto como o animal e só a razão como o social.

Desse modo, *Feijão com Arroz* aborda a contradição inerente ao progresso humano, que parece beneficiar apenas alguns poucos. Retornando aos aspectos mencionados porém colocando-os em oposição, a fome representada na obra, sob uma mesa fúnebre, contrasta com a vida pulsante ao seu redor, um eterno ciclo de morte e renascimento que Anna Maria Maiolino trabalha na instalação e em outras produções artísticas. Isso fica evidente no trecho de um poema¹ escrito pela artista:

Por favor, meus filhos, quando eu morrer, enterrem-me em cova rasa, facilitem o trabalho dos detritívoros em transformar-me em húmus fértil, em outra natureza. Assim, convertida em adubo, alimentarei o jasmim que cresce debaixo da janela da criança recém-nascida (MAIOLINO, 2016, p.89).

Para compreender a linha de pensamento e criação de Maiolino, é importante voltar um ano antes, quando a artista realizou pela primeira vez a obra “Monumento à Fome”. De acordo com Arethusa Paula (2008), em 1978, ocorreu na cidade de São Paulo a 1ª Bienal Latinoamericana, com a temática de “Mitos e Magias”, representando o universo artístico e conceitual naquela edição. No entanto, esse tema estava alheio ao momento político que o Brasil se encontrava na época, com o Ato Institucional Nº 5 ainda em vigor, cerceando agressivamente toda expressão política contrária. Além disso, esse mote não representava o que os artistas locais estavam produzindo. Em resposta a essa desconexão, os artistas Hélio Oiticica e Ivald Granato organizaram a performance “Mitos Vadios”, realizada no estacionamento da Unipark em São Paulo. A performance era composta por vários atos, onde cada artista participante contribuiu com uma parte, como se estivessem tecendo, cada um com sua linha e agulha, uma grande manta.

Dentre os artistas que participaram de “Mitos Vadios”, estava presente Anna Maria Maiolino, que realizou o happening “Monumento à fome”(1978). Consistindo em uma pequena mesa com um tecido preto, a performance criou uma atmosfera propositalmente fúnebre, alinhada com o momento político que o Brasil enfrentava.



Na mesa, a artista colocou dois sacos plásticos: um contendo 30kg de arroz e o outro 30kg de feijão.



Imagem 3. Anna Maria Maiolino, *Monumento à Fome*, 1978, documentação da performance como parte de Mitos Vadios, Rua Augusta, São Paulo. Fonte:

Na entrevista concedida à Revista Frieze¹ (2019), Maiolino conta que durante 'Mitos Vadios', o artista luso-brasileiro António Manuel sugeriu que Maiolino jogasse os grãos no público para conferir um tom mais performático e menos museal. No entanto, Maiolino não considerou essa sugestão, pois pretendia levar o arroz e o feijão para alimentar seus filhos, a artista diz (2019): “Algumas pessoas pensam que tenho temperamento, mas a coerência conceitual da minha arte é o que mais importa para mim. Como eu poderia desperdiçar comida ao fazer uma declaração sobre a fome?”²

Ao analisar em paralelo às obras “Monumento à Fome” e a instalação “Feijão com Arroz”, observam-se semelhanças e diferenças significativas. Uma semelhança evidente é a presença da suspensão dos grãos e o uso do tecido fúnebre preto, criando uma atmosfera de luto e desolação. No entanto, uma diferença marcante entre as duas obras é a forma como os grãos são apresentados. Em “Monumento à Fome”, eles estão contidos em embalagem transparente, como se houvessem sido



comprados de algum mercado, enquanto na instalação “ Arroz com Feijão”, os grãos estão em seus estágios iniciais de vida, representando um ciclo oculto entre a vida desses grãos e seu último estágio antes de serem comercializados. Considerando a similaridade entre as obras, nota-se a impossibilidade de consumo direto, seja como um produto em uma prateleira esperando ser trocado por dinheiro, seja nos brotos ainda não prontos para serem comidos, a presença e a ausência é latente em Maiolino, regida pelo fantasma da fome.

Presença doméstica

Ao mesmo tempo que a artista apresenta esse aspecto “faminto” na sua obra, é importante reconhecer que isto não é tudo; os ciclos e a renovação também fazem parte desse banquete. Conforme explica Catoira (2012) durante a abertura da exposição no Núcleo de Arte Contemporânea, a presença da artista e de seus convidados foi marcada por uma refeição compartilhada, onde comiam, riam, conversavam e se sustentavam ali, envoltos por toda a vida daquilo que crescia ao redor deles.

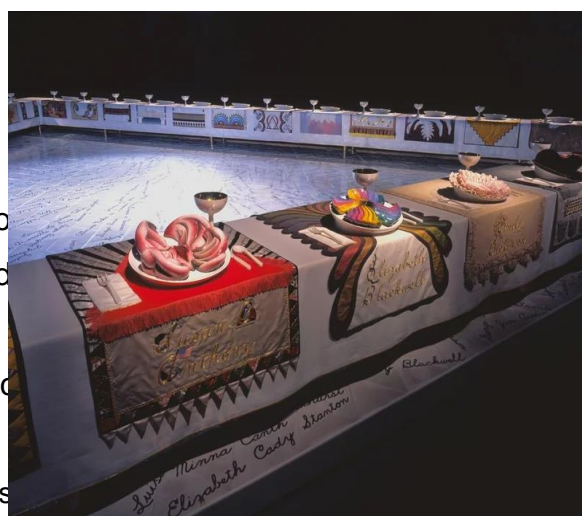
Todo a obra montada no Núcleo de Arte Contemporânea, preparada por Anna Maiolino é também uma alusão ao lugar doméstico, como afirma a artista:

Eu tinha família, e ela me absorvia. Na verdade, me fatigava estar totalmente inteira e atenta aos acontecimentos artísticos. Eu, com minhas múltiplas ocupações, me sentia sempre deslocada, fora do contexto. Poderia dizer, como Santa Teresa, que eu vivia sem viver em mim. (MAIOLINO, 2018)³

O tema do ambiente doméstico na História da Arte é um assunto recorrente, não apenas nos trabalhos de Maiolino quanto em obras de outras artistas, como tentativa de estabelecer conexões trago como exemplo a obra da artista estadunidense Judy Chicago, *The Dinner Party*, uma instalação que possuía uma grande mesa em formato triangular com 39 lugares, 13 lugares em cada reta do triângulo, em contraponto com a Santa Ceia. Cada lugar foi reservado para mulheres que de algum modo são parte da história, ao menos na história ocidental, os pratos acima da mesa são únicos, cada um feito particularmente para cada uma daquelas mulheres, mortas ou vivas. O piso da sala em que a obra foi instalada possui o nome de outras 998 mulheres.



Curiosamente, este trabalho de Chicago foi exibido pela primeira vez em 1979, mesmo ano em que Maiolino expôs “Arroz & Feijão”. No momento em que percebemos essas semelhanças os trabalhos das duas artistas parecem reivindicar e desvelar um local familiar e estranho ao mesmo tempo, “como podem as mulheres servir e não se sentarem?” parece ser a pergunta evocada por elas.



interagindo diretamente – como na instalação de Arroz e Feijão, em 1979. Nem mesmo há lugar para que as “simples donas de casa” visitantes possam se projetar e também fazer parte dessa politização explícita da história. (BARROS, 2016, p. 46)

Ou seja, apesar de reposicionar quem serve, para quem senta, Judy Chicago evoca uma cerimônia na qual a participação se destina a qualquer mulher, mas sim a pessoas pré-escolhidas pelos critérios da artista.



Quando indico as práticas alimentares como um lugar recorrente nas artes visuais, em específico na história da arte brasileira temos a significativa Missão Artística Francesa que se iniciou em 1816 no Rio de Janeiro, com um grupo de artistas – de diversas linguagens – franceses com a intenção de fundar uma escola de artes e ofícios na capital, dentre esses artistas se destacam o pintor Jean-Baptiste Debret que retratou o Brasil em diversas esferas, da sua natureza, cenas cotidianas e cerimônias da alta sociedade. Debret produziu durante sua passagem pelo Brasil pinturas onde apresentava o Brasil Colonial, incluindo o que ele intitula de *Um Jantar Brasileiro* (1839), no qual um homem e uma mulher brancos jantam em uma mesa farta e ao fundo 3 pessoas negras estão os servindo, a frente da mesa há duas crianças negras sem nenhuma vestimenta.



Jean-Baptiste Debret. *Um Jantar*

No entanto, o que interessa neste mapa que construo não é a obra de Debret, mas um dos desdobramentos que ela produz, que é a obra da série *Atualização traumática de Debret* (2021) da artista Gê Viana, que utiliza desta pintura Gê Viana no trabalho *Sentem para jantar* (2021) realoca os corpos antes retratados como serventes/escravos para a centralidade daquele jantar, adicionando e substituindo também objetos e comidas presentes no cotidiano não elitizado do Brasil. Como maneira de pleitear outras formas de relações em torno destes rituais, de modo similar ao que Maiolino realiza em *Arroz e Feijão*, mas com a ausência de sujeitos, enquanto Viana realoca a presença, e Chicago evoca ao nomear aqueles lugares.





Gê Viana; *Sentem para jantar*, 2021;
série *Atualização traumática de
Debret*; impressão em jato de tinta

Considerações Finais

A partir da intenção de compreender, relacionar e contribuir para o pensamento artístico de Anna Maria Maiolino, em específico acerca da relação ausência/presença presente em sua obra a priori estabeleço conexões através de uma leitura política desses conceitos no trabalho da artista, para em minha pesquisa de mestrado caminhar para o estudo estético/filosófico destas relações nas instalações de Anna Maiolino.

Considero que há uma possibilidade de percepção da produção da artista Anna Maria Maiolino, ao relacionar as obras citadas com outros artistas e autores, percebo o abalo que a artista pretende causar ao impossibilitar que qualquer corpo se alimente do banquete fúnebre que ela oferece, tocante de modo mais evidente no fenômeno da fome e no local aos quais os corpos femininos são posicionados nestes ambientes doméstico, e criar essa espécie de mapa possibilita enxergar estas questões sejam filosóficas ou sociológicas de melhor maneira, com suas singularidades, semelhanças e dessemelhanças.

Para além destas intenções reflito com você leitor sobre esses sujeitos que as instalações de Maiolino evocam com a ausência deles, possibilitando ao próprio observador imaginar quem estaria ali, quem não estaria... eu estaria?



Referências

BARROS, R. **Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira**. Rio de Janeiro: Relacionarte, 2016.

CATOIRA, T. **Informação e arte: memórias e representação do acervo do Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 2012.

CORDÁS, K. **The Dinner Party, a primeira grande obra feminista da história**, por Judy Chicago. Disponível em: <<https://www.comes.com.br/post/the-dinner-party>> Acesso em: 3 maio. 2024.

DE CASTRO, J. **Geografia da fome: o dilema brasileiro : pão ou aço**. São Paulo: Todavia, 2022.

JORDÃO, F. C. DE L. **O núcleo de arte contemporânea da Universidade Federal da Paraíba 1978/1985**. [s.l.] Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA), 2015.

LIANZA, A. Gê Viana – **MAM Rio**. Disponível em: <<https://mam.rio/ge-viana/>>. Acesso em: 3 maio. 2024.

PAULA, Arethusa Almeida de. **Mitos Vadios: uma experiência da arte de ação no Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. . Acesso em: 04 maio 2024.

OLIVEIRA, R. F. Argila e culinária, na obra de Anna Maria Maiolino. **Revista Croma**, v. 9, p. 30–40, 2021.

Notas

¹Entrevista concedida à Revista Frieze em 2019. Disponível em: <https://www.frieze.com/article/i-allowed-myself-be-eaten-anna-maria-maiolino-cultural-cannibalism-brazil>

²Tradução nossa. “During the opening, the artist Antonio Manuel accused me of making a ‘museological’ work and suggested I throw the rice grains at the public like confetti at carnival, as a more performative act. I turned my back on him and literally sat on the work! I was planning to take it back home to feed my children.”

³Poema publicado na 27ª edição da Revista Poiésis do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense.

⁴Trecho da entrevista de Anna Maria Maiolino publicada na revista Arte e Ensaios.